UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Departamento de Lingüística

CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS 4
Lingüística Indígena e Responsabilidade Social

UNICAMP / FUNCAMP
Campinas
junho 1983

Coordenador de Publicações: João Wanderley Geraldi

Cadernos de Estudos Lingüísticos
Lingüística Indígena e Responsabilidade Social

Organizador

Marcio Silva

Departamento de Lingüística
Caixa Postal, 6045
13.100 - CAMPINAS - SP - BRASIL

Datilografia: João Alexandre

PEDE-SE PERMUTA

Este número de nossos CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS publica uma coletânea de trabalhos de pesquisadores dedicados à Linguística Indígena. O objetivo desta iniciativa é documentar, pela publicação dos artigos, as diferentes posições assumidas no debate sobre a responsabilidade social realizado na XIII Reunião Brasileira de Antropologia, em abril de 1982.

ÍNDICE

Agradecimentos/5

Apresentação/7

1ª Parte: A Pesquisa com Línguas Indígenas: sua concepção, incentivos e entraves, resultados atuais e perspectivas.

BRUNA FRANCHETTO e YONNE LEITE
A Concepção dos Linguístas/15

MAURIZIO GNERRE
O Índio como Pesquisador/31

BRUNA FRANCHETTO
A Fala do Chefe: Gêneros Verbais entre os Kuikuru do Alto Xingu/45

LUCY SEKI
Observações sobre Variação Sociolingüística em Kamayurã/73

NEUSA M. CARSON
Recentes Desenvolvimentos em Macuxi(Caribe)/89

2ª Parte: A Pesquisa com Línguas Indígenas e sua Relação
com a Educação para os Povos Indígenas.

TANIA CONCEIÇÃO C. DE SOUZA e MARÍLIA LOPES DA C.F.SOARES
Alfabetização Tapirapê: Reflexões sobre uma Experiência/107

RUTH MARIA FONINI MONSERRAT
Vale a pena Alfabetizar 28 pessoas?

ENI PULCINELLI ORLANDI
Algumas Considerações Discursivas sobre a Educação Indígena/122

CLÁUDIA NETTO DO VALLE PEREIRA
A Escola Indígena Apurinã do Km 45: Reflexões sobre uma Experiência/137

MARCIO SILVA
Educação e Linguagem segundo os Guarani-Mbyã/143

NELI FERREIRA DO NASCIMENTO
Uma Experiência em Educação Bilíngue com o Povo Maxakali/155

APRESENTAÇÃO

A lingüística que tem como objeto de estudo as línguas indígenas brasileiras ainda não se constituiu, em nossas Universidades, num campo de trabalho cujo reconhecimento seja proporcional às tarefas que lhe são atribuídas e à potencialidade de sua contribuição para o entendimento da chamada "questão indígena". Os pesquisadores que se dedicam a essa área, em geral, trabalham isoladamente e poucas oportunidades têm de um encontro em que se reflita em conjunto sobre os caminhos seguidos e sobre linhas de pesquisa que, quase sempre, têm sido individualmente pensadas.

Foi com o propósito de estabelecer um diálogo mais prolongado e sistemático entre esses pesquisadores, antropólogos e lingüistas de outras áreas de especialização que se realizou na XIII Reunião Brasileira de Antropologia (São Paulo, 4 a 7 de abril de 1982), sob o patrocínio da Associação Brasileira de Antropologia, o grupo de trabalho intitulado "Pesquisa Lingüística e Educação Indígena". A coordenação dos trabalhos esteve a cargo de Aryon Dall'Igna Rodrigues, do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, e Yonne de Freitas Leite, do Museu Nacional da UFRJ.

A leitura do programa, o qual se encontra no final desta Apresentação, mostra que a maioria dos participantes integra Universidades do eixo Rio-São Paulo. O intuito era o de reunir as poucas pessoas que trabalham especificamente com línguas indígenas ou as que já demonstraram interesse por esse campo. Porém, como os participantes teriam de financiar sua viagem e permanência em São Paulo, pesquisadores que moram em áreas mais distantes não puderam comparecer. Cabe ressaltar aqui, que é em São Paulo e no Rio de Janeiro, mais especificamente, na UNICAMP e no Museu Nacional, que se tem o maior número de pessoas realizando pesquisa com línguas indígenas e/ou envolvidas, quer direta ou indiretamente, com as ideologias e práticas acadêmicas vigentes nesse campo do conhecimento. São também essas as instituições que maior espaço alocaram em seus setores de Linguística para o estudo e reflexão da problemática inerente a esse trabalho. É assim natural que sejam esses dois centros os que participaram mais ativamente dos trabalhos.

A estratégia seguida pelos coordenadores, dada a complexidade do tema, foi dividi-lo em quatro tópicos, a saber:

- 1- A pesquisa com língua indígenas: sua concepção incentivos e entraves;
- 2- A pesquisa com línguas indígenas: resultados atuais;
- 3- A pesquisa com línguas indígenas e sua relação com a educação para indígenas;
- 4- A responsabilidade social do Linguista.

Cada participante teve vinte minutos para apresentar sua exposição e a norma seguida foi realizar o debate e as perguntas no final de cada sessão. Infelizmente não gravamos as discussões, que foram bastante significativas, e não podemos reproduzi-las nesta publicação. Elas revelaram a necessidade que existe de reflexão sobre o trabalho do linguista e de avaliação da pesquisa com relação às suas finalidades e ao contexto em que ela é desenvolvida.

Tanto na apresentação dos trabalhos quanto nos debates que se seguiram houve uma tônica que constituiu o fio condutor do grupo: a avaliação e críticas das práticas linguísticas e a proposição de novas perspectivas de trabalho e ação. Se nos encontros anteriores as comunicações sobre línguas indígenas se limitavam a descrições em que valia apenas o lado descritivo e formal do modelo, neste os participantes visavam a discutir o modelo em si, suas limitações e suas implicações teóricas em relação a uma prática e ação mais abrangentes. A nota mais marcante e que uniu os presentes foi a preocupação com as causas e efeitos políticos do trabalho em linguística indígena: ficou patente que o linguista de hoje permeia com essa preocupação a análise das teorias propostas e se projeta numa ação consciente e responsável dentro e fora do *campus* universitário.

Assim no tópico "A Pesquisa com línguas indígenas brasileiras: sua concepção e entraves" as Comunicações ofereceram uma análise da concepção que esses

lingüistas têm de si e da singularidade de seu trabalho , um histórico da constituição da área e o papel da Universidade e as dificuldades e percalços para o estabelecimento da disciplina nos meios acadêmicos, e o relato de uma experiência de ensino entre os Índios do Equador, partindo de bases político- ideológicas próprias ao princípio da auto-determinação.

Em "A Pesquisa com línguas indígenas: avaliação e novas perspectivas" sobressaiu-se a importância dos aspectos sociais da linguagem e o seu uso, as várias modalidades de fala e as teorias que os usuários têm do que é a capacidade de falar. Discutiu-se, pois, as bases do estruturalismo aplicado em nosso País, ampliando-se o âmbito da análise lingüística pela consideração de fatores sociais e pragmáticos.

Maior número de comunicações caracteriza o tópico "A pesquisa com línguas indígenas e a educação para Índios". Essa quantidade expressiva é, sem dúvida, o indicador da correlação entre pesquisa e ação política , associando-se o trabalho do lingüista com o do educador. Os limites da participação do lingüista no processo educacional foi objeto de debates. Duas instituições- O Summer Institute of Linguistics e a FUNAI- foram pontos de referência para a apresentação de propostas contrárias em sua maioria aos objetivos daqueles organismos. O discurso do educador e seu autoritarismo foi também alvo de atenção.

A linha mestra do grupo de trabalho foi consubstanciada na sessão "A Responsabilidade Social do

Linguista". Nesta se reuniram os que estão diretamente ligados ao campo das línguas indígenas e aqueles que têm como foco de interesse outras disciplinas da linguística. Foi o tema que agregou todos os participantes. A inserção do linguista na Universidade, sua função social ao fornecer modelos explicativos de uma realidade, sua participação direta nesta realidade, o rechaçamento de falsas teorias que sustentam posições ideológicas contestáveis pela ampliação da investigação científica como caminho para a contestação foram os tópicos nos quais se concentrou a atenção de apresentadores e público.

No diálogo que se estabeleceu entre participantes, nas questões delineadas, e que nos cumpre continuar pensar e repensar, o grupo de trabalho "Pesquisa Linguística e Educação Indígena" captou um momento da trajetória do desenvolvimento de línguas indígenas em nosso País. É, pois, digno de mérito que a Associação Brasileira de Antropologia tenha incentivado a iniciativa e aberto espaço para a livre ação dos coordenadores, apresentadores e público e que o Grupo de Estudos de Pragmática das Línguas Indígenas do Departamento de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas tenha se mostrado sensível ao momentâneo e transitório e tenha se disposto a registrar esse instante significativo da formação do campo de línguas indígenas brasileiras.

Yonne de Freitas Leite

AGRADECIMENTOS

O Grupo de Estudos de Pragmática das Línguas Indígenas - GEPLI - tem a honra de trazer a público este conjunto de trabalhos, de autoria de pesquisadores brasileiros de várias instituições. São artigos sobre a pesquisa lingüística com populações indígenas, e questões a eles relacionadas. Apesar de cada trabalho traduzir um ponto de vista particular sobre o tema central, a crédito que, de certa maneira, todos eles refletem uma preocupação voltada para a nossa responsabilidade social enquanto pesquisadores dedicados ao estudo da línguas indígenas.

Os artigos desta coletânea não representam necessariamente a posição do GEPLI. Todos eles foram apresentados e discutidos durante a realização das sessões lingüísticas, organizadas na XIII Reunião Brasileira de Antropologia, em abril de 1982, cidade de São Paulo. O objetivo do GEPLI ao publicá-los é o de contribuir para um debate mais amplo sobre a questão em seus múltiplos ângulos.

Ainda que a publicação deste volume só tenha sido possível praticamente um ano depois da apresentação dos trabalhos, e que esses possam eventualmente refletir aspectos conjunturais de uma política indigenista

que vem sofrendo transformações ao longo desse período, o GEPLI acredita que o conjunto dos artigos desta coletânea traduz um debate não apenas atual, mas considerado cada vez mais necessário no âmbito de uma Linguística Indígena Brasileira.

Em nome do GEPLI, quero, assim, agradecer à Associação Brasileira de Antropologia, e a seu Presidente, o Dr. Gilberto Velho, pelo apoio manifestado a essa publicação, ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas e a todos os pesquisadores que prestigiaram essa iniciativa do GEPLI, permitindo a inclusão de seus trabalhos nesse número de nossos Cadernos de Estudos Linguísticos.

Campinas, junho de 1983

Marcio Silva
Organizador